

O que a produção científica tem a nos dizer? Avanços, lacunas e novas perspectivas para as pesquisas sobre Jornalismo e Gênero

Michele Goulart Massuchin¹
Camilla Quesada Tavares²
Gabriela Almeida Silva³

Resumo

Este artigo apresenta um mapeamento da área, identificando lacunas, avanços e novas perspectivas dos estudos de Jornalismo e Gênero. Para tanto, discute-se as diferentes abordagens encontradas em 186 publicações de revistas qualificadas brasileiras. Dentre as características observadas, tem-se: objeto, tipo de estudo, método e técnica de pesquisas utilizados, a vertente e os tipos de abordagem, além da distribuição temporal e por revista. A pesquisa, a partir desses dados, contribui para compreender e apresentar um panorama da área. Os resultados indicam o foco na mensagem, maior uso do método qualitativo e da análise de conteúdo, assim como o avanço longitudinal das publicações. Por outro lado, é preciso dar ênfase no processo de produção e recepção, a partir de outras abordagens metodológicas.

Palavras-chave: Gênero. Jornalismo. Produção científica.

What does scientific production say to us? Advances, gaps and new

¹ Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e Ciência Política (PPGCP) e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É doutora em Ciência Política e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública (CPOP/UFPR) E-mail: mimassuchin@gmail.com.

² Professora adjunta do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz). Doutora em Comunicação e coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Sociedade (COPS/UFMA). E-mail: camilla.tavares8@gmail.com.

³ Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz). Bolsista de Iniciação Científica entre 2018 e 2020 e membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS/UFMA). E-mail: gabrielaalmeida.gc@gmail.com.

perspectives for journalism and gender research

Abstract

This article presents a map of area, identifying gaps, advances and new perspectives of journalism and gender studies. To this, we discuss the different approaches founded in 186 publications of qualified academic journals. Among the observed characteristics, we have the object, type of study, method and technique of research, the approach, the temporal line and the distribution by scientific journals. The research, with these variables, contributes to understand and to presents a panorama of this area. The results indicate the focus on the message, use of the qualitative approach and content analysis and the longitudinal advance of the publications. On the other hand, its necessary to emphasize the process of production and reception from other methodological approaches.

Keywords: Gender. Journalism. Scientific articles.

Introdução⁴

Os estudos sobre Gênero têm se destacado na literatura e ganhado destaque na produção científica brasileira, dialogando com diversas áreas, dentre elas a Comunicação. E, de modo mais específico, com os estudos sobre Jornalismo. Isso mostra, para além de um interesse acadêmico sobre as questões de gênero, que os problemas avançam do espaço privado para o espaço público (BIROLI, 2018) e, neste caso, aparecem no Jornalismo, seja interferindo no modo como os conteúdos são produzidos (SILVA, 2010), na característica dos conteúdos (JOHN, 2014) ou no modo como se dá a recepção (TOMAZZETI; CORUJA, 2017).

Neste sentido, o artigo tem por objetivo analisar a intersecção entre os estudos de Gênero e Jornalismo, verificando avanços, lacunas e novas perspectivas de pesquisa a partir das características que, atualmente, definem esta subárea. Para isso, analisa-se a produção científica sobre o tema a partir da perspectiva bibliométrica, evidenciando elementos da produção científica que permitem compreender como a área tem se desenvolvido. Os estudos bibliométricos tem se destacado como uma ferramenta importante para compreender de modo sistematizado as áreas e subáreas de pesquisa,

⁴ O artigo traz resultados referentes à etapa inicial do projeto de pesquisa “Mulheres na mídia e na política: o discurso delas e sobre elas”, desenvolvido a partir de uma parceria entre pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

trazendo menos viés no mapeamento do estado da arte e possibilidade de replicação dos resultados (FIGUEIREDO et al, 2014).

Cavassana, Massuchin e Tavares (2019) perceberam que a temática jornalismo reunia parte significativa dos trabalhos na Comunicação que abordavam questões de Gênero. Do mesmo modo, Escosteguy (2019) também aponta o jornalismo como um espaço no qual questões de gênero aparecem e são estudadas desde o final do século XX. Portanto, neste artigo busca-se explorar como esta subárea que reúne as pesquisas que apontam a intersecção entre Jornalismo e Gênero tem se caracterizado a partir dos estudos publicados por revistas qualificadas na área da Comunicação e Informação pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Foram analisadas 70 revistas – enquadradas como A1, A2, B1 e B2⁵ – das quais foram coletados 186 artigos pertencentes a subárea Jornalismo e que dialogavam com a perspectiva de gênero. Mencionamos que o recorte considera a perspectiva de gênero de forma ampla, englobando artigos que tratam de diversas categorias de gênero, tais como mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, homens, transgêneros, entre outras. Portanto, os artigos discutem desde feminismo e pós-feminismo, até a perspectiva *queer*, masculinidades, transexualidades, homossexualidades, entre outras.

Nos 186 artigos selecionados são analisadas as seguintes características: objeto, tipo de estudo, método e técnica de pesquisas utilizados, a vertente, os tipos de abordagem, a perspectiva longitudinal e a distribuição entre as revistas. A partir dessas informações sistematizadas será possível perceber como a intersecção entre as áreas tem ganhado destaque enquanto tema de pesquisa, o modo como se tem estabelecido os principais protocolos metodológicos, as preocupações em torno dos objetos e as principais abordagens sobre gênero.

Jornalismo e gênero como subárea de pesquisa

O interesse por estudos dentro da temática gênero na Comunicação surge a partir de 1960, quando as discussões entraram em debate na academia. Até então as questões de gênero eram pouco pensadas como objeto de estudo. Tendo como chave a abordagem dos Estudos Culturais, usando da interdisciplinaridade em diversas áreas para olhar para a mulher na sociedade, a Comunicação aparece entre as subáreas a partir de então

⁵ A pesquisa considera ainda a classificação usada até 2019 porque o trabalho de catalogação dos dados e de desenho metodológico foi realizado ainda quando a referência não incluía as classificações A3 e A4 e nem considerava os atuais critérios para avaliar as revistas.

(SCOFIELD, 2008). No Brasil, no entanto, observa-se o crescimento significativo dessa linha de pesquisa a partir da primeira década dos anos 2000.

Com o debate do tema em pauta, o primeiro livro feminista de Estudos Culturais Ingleses é publicado: *Women take issue*⁶. A obra foi organizada pelo Grupo de Estudos da Mulher, formado em 1974, e pelo Fórum de Estudos da Mulher. Scofield (2008) pontua que o livro supracitado reunia diversas pesquisas de áreas que iam desde Economia à Comunicação. Apesar da diferença entre as áreas, o desejo de expor os incômodos e as desigualdades era o que tinha de semelhante entre os trabalhos. Na Comunicação, os estudos realizados apontaram tendências para as pesquisas atuais, como as desigualdades de gênero presentes na produção, os discursos machistas evidentes no ambiente de trabalho e o senso comum sobre a mulher, que era perpetuado no meio comunicacional, observando objetos diversos, como revistas, livros, programas televisivos e vídeo cassetes (SCOFIELD, 2008).

Dos quase 60 anos de estudo, os anseios por entender como as questões de gênero eram retratadas no meio comunicacional se estendeu e, ao mesmo tempo, diversas pesquisas nasceram especialmente com o objetivo de mapear os estudos de comunicação sobre o tema. Apesar da relevância da discussão sobre a interface entre jornalismo e gênero, neste artigo restringe-se a discussão teórica aos achados de outros trabalhos sobre mapeamento, de vertente bibliométrica ou, mesmo, sobre “estado da arte”. Esta escolha se deve ao fato de poder, posteriormente, apresentar um diálogo sobre os resultados.

A literatura internacional identificou alguns balanços e reflexões sobre a trajetória dos estudos de gênero e comunicação (DOW; CONDIT, 2005; MENDES; CARTER, 2008) que mostram, dentre outras questões, que ainda há áreas mais e menos estudadas. Dentre as lacunas, tem-se poucos estudos sobre mídias digitais e gênero. Da mesma forma, apesar dos avanços, trata-se pouco, por exemplo, da predominância de discursos masculinos dominantes nas arenas políticas. Outro achado é que há diferenças metodológicas e teóricas, assim como a predominância de estudos sobre entretenimento. Além disso, dentro das grandes categorias criadas, há diferenças na concentração de estudos (DOW; CONDIT, 2005).

Já na literatura brasileira em Comunicação, dentre os mais recentes, está a pesquisa de Martinez, Lago e Lago (2016), em que as autoras examinaram os trabalhos

⁶ Women's Studies Group (1978).

realizados sobre estudos de gênero no jornalismo no Brasil a partir de *papers* apresentados em congressos. Outra construção que mapeia a área foi feita por Escosteguy (2008; 2019), em distintos momentos, mostrando, por exemplo, como que a área tem expandido sua preocupação da categoria mulher para masculinidade e interseccionalidade, da mesma forma que se altera a perspectiva feminina para a feminista no modo como se observam os fenômenos comunicacionais. Embora nas variáveis discutidas neste trabalho não se observe as diferentes categorias de gênero priorizadas nas pesquisas e como elas avançam longitudinalmente, Escosteguy (2019) evidencia que na última década tem havido ampliação dos focos de estudo saindo da mulher para a homossexualidade, a perspectiva *queer* e a identidade LGBTQ+, questões que ainda eram embrionárias na primeira década do século XXI.

Coruja (2018) também realizou um mapeamento da área, onde buscou um recorte com 21 trabalhos que tivessem o termo feminista como tema central, nas teses e dissertações entre o ano de 2010 e 2015. A pesquisa trouxe dados relevantes do espectro da área como a centralização de pesquisa sobre o tema na região Sudeste do país. As mulheres são as que mais buscam pesquisar sobre o tema “liderando” com 90% do contingente. No entanto, no que se refere à orientação sobre tema, há um equilíbrio quanto ao gênero do pesquisador, ou seja, tanto pesquisadoras mulheres quanto homens orientam trabalhos dentro desta temática. Outro ponto levantado é sobre a profundidade dos textos, sendo que boa parte tem dificuldade em problematizar o tema, usando quase sempre da mesma abordagem para debater as questões feministas e, ainda, de maneira superficial. “Alguns trabalhos usam essa contextualização até mesmo de forma superficial, evocando o feminismo para falar de representação, mas sem entrar de fato nesse campo de conhecimento” (CORUJA, 2018, p.156).

Concordante com os trabalhos que buscam mapear a área, Almeida (2018) buscou catalogar os trabalhos que traziam mulher e jornalismo como tema de pesquisa nos programas de pós-graduação do país. Com o recorte de 43 anos (entre 1972 e 2015), a autora elucida questões importantes a serem observadas, como as poucas pesquisas que abordam questões de gênero dentro da Comunicação, que contam com apenas 30% do total. No total, são 189 dissertações e 34 teses (ALMEIDA, 2018). Corroborando com pesquisas já realizadas (CORUJA, 2018; SILVA et al, 2018), Almeida (2018) constatou que os trabalhos se agrupam na região Sudeste do país e o Norte tem a menor produção. Esse resultado pode ser explicado pela grande quantidade de PPGCOM e IES na parte

Sul e Sudeste do país. Almeida (2018) traz um importante resultado que é a crescente busca pelo tema desde 2000.

Para além dos recortes mencionados, Sarmento et al (2018) investigaram a perspectiva do ativismo feminista nas mídias, das áreas da Ciência Política e da Comunicação, totalizando 19 artigos no *corpus*. As pesquisadoras constataram que as revistas *Cadernos Pagu* e *Estudos Feministas* foram as que mais publicaram sobre a temática, com 32% de concentração. Dentro da área, doutores e mulheres são os que mais têm interesse pelo tema, dado notado também por Coruja (2018). Quanto ao método mais utilizado, as pesquisas empíricas somam 85% dos artigos. Os objetos de estudos mais utilizados são Facebook (35,71%), os Blogs (21,43%) e Twitter (21,43 %).

Este trabalho proposto, portanto, vem para somar dados que permitam pensar a importância que o tema alcançou ao longo destes quase 60 anos, ganhando espaço na academia e nas publicações. Além disso, o foco é a observação específica sobre Jornalismo e Gênero, ainda pouco mapeado a partir de artigos científicos de revistas qualificadas. De forma complementar, busca-se apresentar os dados de forma sistematizada a partir de características pré-estabelecidas que permitem entender, ainda, lacunas e brechas que carecem de estudos mais aprofundados na área.

Abordagem metodológica

Esta proposta de meta-pesquisa a partir de uma vertente bibliométrica é produzida a partir de uma parceria interinstitucional entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR), no âmbito de dois grupos de pesquisa. A abordagem sistematizada sobre as pesquisas publicadas por revistas acadêmicas faz parte de uma investigação mais ampla que estuda Comunicação, Gênero e Política. Neste caso, busca-se, a partir da perspectiva da meta-análise (FIGUEIREDO et al, 2014), compreender esta área de estudo dando atenção às características dos artigos científicos, o que permite observar lacunas, avanços e novas perspectivas de pesquisa.

A unidade de análise usada para a produção deste trabalho são os artigos publicados em periódicos nacionais que se enquadram nos estratos A1, A2, B1 e B2 do Qualis da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), na área de Comunicação e Informação⁷. Para chegar ao quantitativo de 186 publicações que compreendem o banco de dados, foram feitos alguns recortes. O primeiro passo foi a

⁷ Considerando-se a avaliação 2013-2016.

seleção de 70 periódicos pertencentes aos estratos acima e que de alguma maneira – seja pelo escopo ou objetivo – possibilitavam a publicação de pesquisas que discutissem Comunicação e Gênero⁸.

A partir dessa seleção das revistas nacionais que possibilitariam publicações sobre o tema, foram coletados 640 artigos. Desses, 186⁹ foram enquadrados como discussões pertencentes ao Jornalismo, seja a partir do objeto ou das teorias abordadas. Assim, para este artigo a preocupação é observar as características das publicações dessa subárea – Jornalismo e Gênero - considerando ainda que uma pesquisa anterior mostrou que na área da Comunicação, as questões de gênero aparecem mais próximas do jornalismo que das demais áreas da Comunicação (CAVASSANA; MASSUCHIN; TAVARES, 2019). Foram analisados o título, o resumo e as palavras-chave dos artigos publicados e disponíveis online. É importante mencionar que se considerou aqui a categoria gênero de forma ampla, a partir do seu desenvolvimento, citado por Escosteguy (2008). Portanto, adentraram o *corpus* da pesquisa artigos que abordavam a perspectiva do feminino, masculino, da homossexualidade, dos LGBTs, da perspectiva *queer*, das interseccionalidades, entre outras questões que, a partir da literatura, são estudadas a partir da categoria gênero.

Os 186 artigos foram codificados a partir de um livro de códigos, elaborado com base em pesquisas anteriores de vertente bibliométrica (SAMPAIO et al, 2018) e da literatura sobre gênero que dava indicativos sobre possíveis abordagens e vertentes teóricas (ESCOSTEGUY, 2008; SARMENTO, 2013) importantes de serem observadas. No artigo é feito um recorte das características observadas, não sendo abordados todos os elementos identificados na fase de categorização, tais como o recorte dentro da categoria gênero e as perspectivas teóricas, por exemplo¹⁰.

A categorização foi realizada por alunas¹¹ do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS), as quais foram treinadas previamente para a coleta dos

⁸ Apesar de ser mais extensa a lista de periódicos dentro destas qualificações (A1 a B2), optou pela investigação de revistas nacionais e, por isso, este número torna-se mais reduzido. Além disso, considerou-se apenas revistas que, de alguma forma, pudessem receber, conforme seu escopo mencionado no site, trabalhos sobre Jornalismo e Gênero. Foram excluídas, por exemplo, revistas de outras áreas correlatas ou apenas voltadas para pesquisas da Ciência da Informação.

⁹ A seleção dos textos considerou todas as edições das revistas desde a sua criação.

¹⁰ Estas variáveis estão presentes em outras discussões feitas pelas autoras que remetem ao mesmo banco de dados. Além disso, é preciso mencionar que aspectos mais qualitativos – como nível de tensionamento teórico – não foram observados, dado o tamanho do corpus total da pesquisa.

¹¹ As autoras agradecem a Suzete Gaia de Souza, Raissa Silva, Sarah Dantas e Wydiany Oliveira pelo auxílio prestado no processo de categorização e extração dos artigos das revistas.

dados e que também passaram pelo teste de confiabilidade¹². Com base nos objetivos deste artigo, trabalha-se com as seguintes variáveis: objeto empírico da pesquisa, tipo de estudo (teórico, quantitativo ou qualitativo), técnica de pesquisas utilizadas (análise de conteúdo, entrevistas, grupo focal, observação, análise do discurso, entre outras), a abordagem (feminina ou feminista), a vertente (representação, ativismo ou processo comunicacional) e o foco na etapa do processo comunicativo (produção, mensagem e recepção). Além disso, observa-se os dados na perspectiva longitudinal e a distribuição da produção entre as revistas.

Análise dos dados

Neste tópico serão apresentados os resultados da coleta de dados, focados nos trabalhos que possuem a área temática de pesquisa no Jornalismo. Ao todo foram encontrados 186 trabalhos que fazem o diálogo entre jornalismo e relações de gênero¹³, representando pouco menos de 1/3 do total de publicações. Estes trabalhos – que dialogavam especialmente com a perspectiva do jornalismo, apareceram em 54 das 70 revistas previamente selecionadas. Ou seja, nem todas as revistas tiveram publicações que apresentavam um diálogo entre jornalismo e gênero¹⁴. E, como pode ser observado pelo gráfico abaixo, a distribuição também se dá de maneira bastante distinta, sendo que algumas revistas – em função da sua abordagem e escopo – tendem a ter maior concentração das publicações.

¹² Todas as codificadoras foram treinadas para a coleta de dados a partir do livro de códigos elaborado pelas pesquisadoras. Posteriormente foi feito o teste de confiabilidade, sendo que em todas as categorias atingiu-se 80% de acertos entre pares (aceito pela literatura sobre análise de conteúdo), ou seja, em pelo menos 80% dos casos as alunas do projeto tiveram a mesma compreensão sobre o objeto analisado.

¹³ Dentro do universo de 640 artigos encontrados sobre Comunicação e Gênero, catalogados pelas pesquisadoras.

¹⁴ Aqui não foram consideradas as abordagens de Comunicação, Publicidade, Relações Públicas, Cinema e Audiovisual.

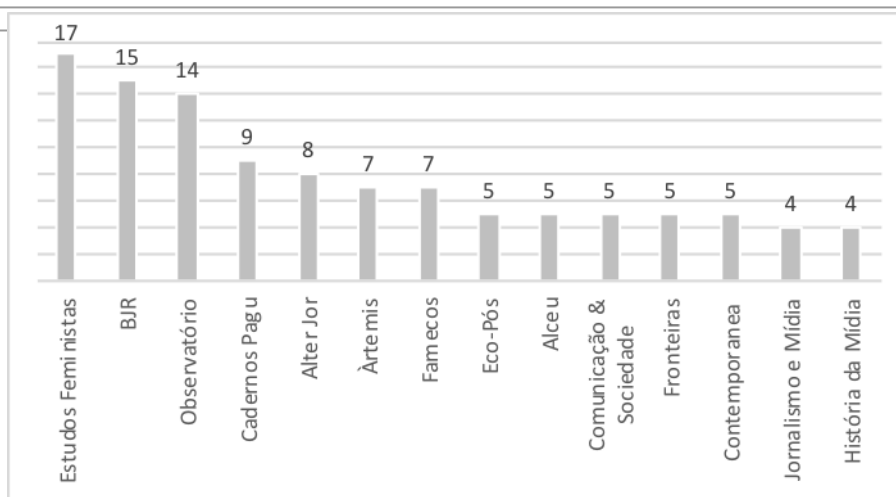


Gráfico 1 – Distribuição dos artigos publicados nas revistas

Fonte: COPS (2019)

O gráfico acima apresenta as 14 revistas nacionais que tiveram mais de quatro publicações. A que mais publicou sobre a temática foi uma revista especializada na temática gênero, a Estudos Feministas, com 17 artigos, seguida da BJR, que publica somente artigos que discutem jornalismo. Chama a atenção a presença da revista Observatório, editada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), que é relativamente recente em relação as demais e que ocupa o terceiro lugar, dando um espaço significativo aos estudos de gênero e jornalismo. Em quarto lugar, importante ressaltar, também aparece uma revista especializada, a Cadernos Pagu. Desse modo, é importante perceber que as pesquisas, embora sobre jornalismo, acabam encontrando espaço em publicações de outras áreas, tais como a Cadernos Pagu e Estudos Feministas – originariamente da Ciência Política -, para além das revistas editadas por Programas de Pós-Graduação e associações da área.

Em relação à quantidade de trabalhos catalogados, apesar de o jornalismo ter uma predisposição de pesquisar mais essa temática (CAVASSANA; MASSUCHIN; TAVARES, 2019), observa-se que a quantidade ainda é relativamente pequena. No entanto, conforme observou Almeida (2018) ao analisar as teses e dissertações, o interesse de pesquisa pela interccionalidade entre jornalismo e gênero vem crescendo nos últimos anos. Constatamos o mesmo fenômeno entre os artigos científicos publicados em periódicos brasileiros, conforme mostra o gráfico 2¹⁵.

¹⁵ Em 2019 a coleta foi feita apenas até o mês de abril, o que explica o baixo número de textos sobre o tema.

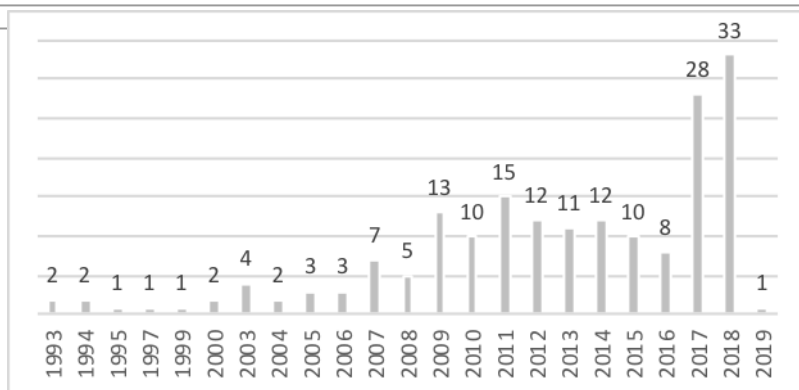


Gráfico 2 – Distribuição temporal dos artigos publicados sobre jornalismo e gênero
Fonte: COPS (2019)

A partir do ano de 2009 começa a aumentar o número de publicações sobre jornalismo e gênero no Brasil, com destaque para o ano de 2011 e, posteriormente, 2017 e 2018, que apresentaram as maiores quantidades de textos sobre a temática. Isso demonstra que há um interesse crescente da academia em explorar questões do campo jornalístico a partir dessa matriz interpretativa e, principalmente, que o tema tem tido cada vez mais aceitação dentro do escopo das revistas. O crescente número de trabalhos coincide, também, com o aumento do número de programas de pós-graduação em Comunicação, Jornalismo e áreas afins que passaram a oferecer linhas, grupos de pesquisa e eventos voltados à discussão de gênero. É o caso, por exemplo, da área de concentração Estudos de Gênero, do doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 2000; do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), ativo desde 2012; e do Encontro de Pesquisa por/de/sobre Mulheres, que acontece desde 2017 na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A ascensão de espaços institucionais que incentivem o desenvolvimento de reflexões sobre as desigualdades de gênero a partir da grande área da Comunicação, e do Jornalismo em particular, amplia as pesquisas e a publicização delas. Junto a isso, menciona-se a preocupação com novas categorias de análise, como a preocupação dos estudos com as masculinidades e a homossexualidade, por exemplo, além de outras dimensões que pode ter ampliado as publicações. Se por um lado temos o aumento da produção sobre questões relacionadas à temática, por outro é importante conhecer a natureza dessas pesquisas. São trabalhos focados mais na reflexão teórica ou na

investigação empírica? Quais os principais objetos de estudo dessas(es) pesquisadoras(es)?

Para responder a estes questionamentos, a tabela 1 demonstra que a grande maioria dos trabalhos é empírico, ou seja, tem um objeto de análise. Apenas 3,2% dos textos são dedicados a discussões teóricas. Esse resultado traz duas implicações: primeiro, que quem publica sobre jornalismo tem um interesse maior em observar as relações de gênero na prática, seja analisando a produção, o produto ou o consumo jornalístico. A segunda questão levantada a partir deste resultado é que está se pesquisando bastante sobre objetos do jornalismo, mas quais reflexões teóricas têm embasado esses trabalhos, se pouco se dedicam a discutir conceitualmente as relações de gênero? Muitos trabalhos que se dizem estudar as relações de gênero não utilizam matrizes teóricas com a mesma finalidade, tampouco problematizam conceitualmente seus achados (CORUJA, 2018). Portanto, mais do que pesquisar a relação entre jornalismo e gênero na prática, é preciso fomentar discussões conceituais que forneçam chaves explicativas mais adequadas.

Tabela 1 – Natureza do artigo

Tipo de Estudo	N	%
Empírico	180	96,8
Teórico	6	3,2
Total	186	100,0

Fonte: COPS (2019)

O próximo dado apresentado diz respeito ao objeto de estudo. Há uma forte predominância de estudos empíricos sobre jornalismo e gênero e, destes, a concentração está no jornalismo impresso. Ou seja, praticamente 7 em cada 10 trabalhos empíricos publicados em revistas brasileiras analisam o jornalismo impresso e apenas 11% se dedicam ao ciberjornalismo, por exemplo.

Tabela 2 – Objeto de estudo

Objeto	N	%
Jornalismo impresso	126	68
Ciberjornalismo	20	11
Telejornal	10	5
Profissionais	6	3
Não se aplica	6	3
Radiojornalismo	5	3
Fotografia	3	2

Mídias Sociais	3	2
Audiência	3	2
Blog	2	1
Mídia alternativa	2	1
Total	186	100

Fonte: COPS (2019)

A tabela 2 mostra que há relativa diversidade de objetos de estudo, mas alguns deles aparecem muito pouco. Do total de trabalhos, apenas 3% tiveram o próprio jornalista como foco, o que seria interessante para entender as rotinas e percepções profissionais sobre questões que envolvem gênero na produção. Os demais objetos – rádio, foto, mídias sociais, audiência, blogs e mídia alternativa - também tiveram percentuais irrisórios.

Há muitas pesquisas empíricas, mas elas estão concentradas em entender as relações de gênero a partir do jornal impresso – principalmente do conteúdo publicado no veículo, como veremos mais detalhadamente adiante, o que acaba deixando em aberto uma série de lacunas que ainda precisam ser mais bem estudadas. Compreender questões como, por exemplo, os assédios que as jornalistas mulheres sofrem nas redações ainda é pouco investigado, uma vez que as profissionais representam poucos objetos de estudo.

A próxima tabela indica os métodos de pesquisa utilizados nos trabalhos. Os artigos considerados teóricos utilizam o método bibliográfico, mas entre os empíricos predomina o método qualitativo. Mais de 80% do total de artigos publicados recorrem a este método, além dos 10% que combinam métodos qualitativo e quantitativo. O método quantitativo foi identificado em apenas 6% das produções, indicando que as pesquisas sobre jornalismo e gênero se dedicam a compreender fenômenos mais pontuais, procurando não fazer generalizações sobre aspectos que envolvem a temática seja na produção ou nos produtos jornalísticos.

Tabela 3 – Método utilizado nos trabalhos

Método	N	%
Qualitativo	150	81
Misto	19	10
Quantitativo	11	6
Bibliográfico	6	3
Total	186	100

Fonte: COPS (2019)

Além do método, outra questão diz respeito à quantidade de ferramentas metodológicas utilizadas nos trabalhos. Dentre os trabalhos empíricos, 72% recorrem a apenas um método de coleta de dados, e somente ¼ busca combinações. É claro que o processo de escolha da metodologia e das ferramentas de pesquisa está relacionado ao objeto e objetivos dos trabalhos, mas vale ressaltar que até o momento identificamos que a grande maioria tem perfil empírico, qualitativo e utilizada apenas uma técnica de pesquisa, indicando assim que o conhecimento oferecido sobre as relações que atravessam o jornalismo e gênero ainda são parcialmente restritas e que pode haver um cenário para expansão na medida em que há poucas pesquisas que se expressam a partir de um grande número de caso e de cenários diversos.

A próxima tabela indica as técnicas de pesquisa mais utilizadas. A partir dos grupos metodológicos, algumas técnicas tendem a aparecer associadas à vertente quantitativa ou qualitativa. E, como elas permitem aos artigos trazer dados distintos, é importante também conhecer o desenvolvimento teórico-metodológico da produção. Dentre as principais técnicas elencadas, a análise de conteúdo foi a técnica escolhida em 50% de todas as publicações.

A análise de conteúdo pode ser tanto de abordagem quantitativa quanto qualitativa. Deste modo, se coloca como uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas sobre jornalismo e gênero, o que reforça a presença de estudos sobre mensagem e sobre a representação de gênero. Nos artigos se destacam pesquisas que observam características da cobertura sobre mulheres, sobre a população LGBT, práticas jornalísticas na cobertura de uma revista gay, elementos que caracterizam o discurso homofóbico, entre outras questões. Em segundo lugar está a análise do discurso, que é qualitativa; e em terceiro ficam técnicas diversas, não categorizadas de forma separada, seja porque pertencem a outras áreas de conhecimento ou são mais recentes ou específicas, como a análise retórica e a análise de categorização de pertencimento, citadas nos artigos como técnicas de pesquisa.

Tabela 4 – Técnicas de pesquisa utilizadas

Técnica de Pesquisa	N	%
Análise de Conteúdo	92	49
Análise do Discurso	52	28
Outra	22	12
Entrevista	6	3
Não se aplica	6	3
Estudo de caso	4	2
Survey	2	1

Grupo de Discussão	1	1
Observação participante	1	1
Total	186	100

Fonte: COPS (2019)

Entrevistas, *surveys*, grupo de discussão e observação participante foram as técnicas menos identificadas, o que já era esperado, visto que os jornalistas e a audiência apareceram em poucos trabalhos como objetos de estudo. Aqui tem-se, portanto, uma demonstração de pontos que podem ser explorados a partir de técnicas que permitam compreender o que está por trás da produção e da recepção das mensagens, as quais acabam sendo fundamentais para trazer novas abordagens sobre as relações de gênero e jornalismo.

Os dados da tabela 5, de forma complementar, indicam em qual etapa do processo comunicativo os trabalhos publicados se focam – na produção, no produto ou na recepção. A grande maioria – 80% - está centrada nos estudos sobre o conteúdo da mídia, ou seja, aquilo que é publicado pelos meios de comunicação. São trabalhos que buscam compreender, por exemplo, como as mulheres são retratadas pelos meios de comunicação, como é o caso do artigo “Disputa entre discursos: jornalismo e a violência contra as mulheres”, de Mayra Rodrigues Gomes, publicado em 2018 na *Brazilian Journalism Research*. Outro exemplo é o texto intitulado “Veja o fim do arco-íris – uma análise do artigo ‘A geração tolerância’ e a construção de identidades homossexuais”, de Viviane de Melo Resende, publicado na *Caleidoscópio* (2012).

Tabela 5 – Etapa do processo comunicativo à qual o estudo se destina

Processo	N	%
Estudo sobre conteúdo de mídia nos suportes	148	80
Estudo sobre processo de produção midiática	19	10
Estudo sobre recepção/comportamento do público	13	7
Não se aplica	6	3
Total Geral	186	100

Fonte: COPS (2019)

Os estudos sobre o processo de produção – as relações que se estabelecem dentro da redação ou como parte da etapa de produção da notícia em espaços não-tradicionais -, representam apenas 10% do total de artigos publicados. Isso indica que pouco se sabe sobre aspectos de gênero que incidem nas jornalistas e na própria definição das pautas. Em último temos os trabalhos sobre recepção e comportamento do

público, com apenas 7% dos casos. Com esses resultados fica evidente a lacuna existente na subárea do jornalismo e gênero, a partir das publicações nestes periódicos: faltam pesquisas que explorem o gênero como chave analítica para compreender as duas pontas do processo – o de produção e o de consumo. Por fim, tem-se a tabela 6, que traz a abordagem analítica do trabalho, podendo ser dividida em três categorias, fazendo uma adaptação da proposição de Sarmiento (2019).

Tabela 6 – Vertente teórica do trabalho

Vertente	N	%
Representação de gênero em produtos comunicacionais	115	62
Discussão sobre relações de gênero nos processos comunicacionais	55	30
Relação entre ativismo e meios de comunicação	16	9
Total	186	100

Fonte: COPS (2019)

A representação do gênero em produtos comunicacionais predomina entre as publicações da área, com 62% dos trabalhos tendo esta como vertente analítica. Normalmente trata-se de estudos que mostram as mais variadas formas de representação no jornalismo, como já mostrado acima. É importante reforçar que o foco nas mulheres ainda é bastante presente na literatura, apesar de ter sido mais amplo nas fases iniciais de estudos (ESCOSTEGUY, 2019). São textos que propõem uma reflexão sobre a categoria gênero a partir dos conteúdos veiculados na mídia, como o texto “Presidentas em declínio: A mídia e os estereótipos sobre a incapacidade das mulheres na política”, de Linda Soares Rubim e Fernanda Argolo Dantas, publicado na revista Ação Midiática, em 2017.

A discussão de gênero sobre os processos comunicacionais, por outro lado, apareceu em 30% dos trabalhos e somente 9% abordavam a relação entre ativismo e meios de comunicação, questão ressaltada por Sarmiento (2013). Sem trabalhos deste tipo perde-se de compreender, por exemplo, qual o papel do jornalismo em colocar em discussão questões relacionadas ao gênero, a partir dos processos de comunicação e menos focados em conteúdos já dados. Entender o porquê dos problemas de gênero nos produtos também é fundamental e ainda é uma lacuna na literatura. De modo geral, os dados apresentados neste trabalho, ainda de forma bastante descritiva, dão um indicativo de como as pesquisas em jornalismo têm considerado a interface com as relações de gênero.

Considerações finais

A partir dos 186 artigos sobre Jornalismo e Gênero publicados em revistas qualificadas brasileiras – A1, A2, B1 e B2 - este artigo teve como objetivo identificar as características dos trabalhos publicados com a finalidade de apresentar um mapeamento envolvendo as lacunas existentes, os avanços a partir da perspectiva longitudinal e de determinados assuntos trabalhados de maneira mais enfática e novas perspectivas e abordagens que podem ser estudadas. A pesquisa foi feita a partir de um levantamento com base na bibliometria, por meio da caracterização sistemática de variáveis previamente desenhadas para o respectivo estudo.

Dentre os avanços identificados, percebeu-se um aumento considerável das publicações, o que indica maior interesse tanto de pesquisadores quanto ao tema como das revistas pela área em questão. A análise longitudinal permite constatar que, no Brasil, a subárea do jornalismo e gênero começou a crescer, efetivamente, a partir de 2009, com destaque para os anos de 2017 e 2018. Este dado também é resultado da institucionalização do tema no âmbito dos programas de pós-graduação e da oferta de eventos especializados. É importante destacar que parte significativa dos trabalhos são majoritariamente empíricos, ou seja, tem algum objeto de estudo e faz investigação da prática cotidiana que envolve Jornalismo e Gênero.

Sobre os principais objetos, a concentração está nos estudos sobre impressos, especialmente os jornais, sendo que parte dos trabalhos busca identificar como os veículos têm retratado, especialmente, mulheres e a população LGBTQ+ sob a ótica da representação de gênero, o que dialoga com a perspectiva apresentada por Mendes e Carter (2008). Também se destaca o método qualitativo e a análise de conteúdo como as estratégias metodológicas mais utilizadas. Isso reforça, também, a preferência por estudar os produtos jornalísticos do ponto de vista da mensagem publicada, já que a maioria dos trabalhos está concentrada no produto.

Por outro lado, é preciso evidenciar as diversas lacunas que ainda precisam ser exploradas. Há a necessidade, por exemplo, de se fazer mais reflexões teóricas sobre a subárea no Brasil, pois somente assim os trabalhos terão, também, marcos teóricos mais fortes na área, algo pouco presente segundo Tomazzeti e Coruja (2018). Isso é importante para que os trabalhos empíricos sobre gênero façam uma discussão teórico-epistemológica mais adequada, discutindo efetivamente a temática gênero. Outra brecha identificada é a falta de diversidade entre os objetos de estudo. Quase não existem

trabalhos publicados que investigam as relações de gênero a partir do rádio, da TV, fotografia e mídias sociais. Também são poucos os trabalhos que têm como objeto o próprio jornalista, além da quase ausência de trabalhos sobre gênero e ativismo no jornalismo.

É importante ressaltar que algumas questões importantes para entender os avanços dos estudos na área não foram contempladas neste artigo. A diferença da abordagem dentro das distintas categorias de gênero, apesar do perceptível foco nas mulheres, não foi abordada de forma aprofundada no texto. O nível de tensionamento teórico dentro da literatura sobre gênero também não foi considerado na análise.

Por outro lado, a partir dos dados encontrados, é possível desenvolver novas perspectivas de pesquisa sobre o tema. Ouvir os profissionais, seja por meio de entrevistas, grupo de discussão ou *surveys*, é uma maneira de compreender as disputas internas da profissão, algo que não é possível olhando, por exemplo, somente para o conteúdo publicado, que é algo já bastante explorado. O outro ponto que merece atenção são os estudos de recepção, ainda pouco ligados aos estudos sobre Jornalismo e Gênero e que poderiam trazer perspectivas relevantes sobre o consumo e interpretação das notícias.

Da mesma forma, estudos relacionados ao ativismo tem potencialidade para crescer, como já enfatizara Sarmiento (2018). Por outro lado, investir em pesquisas mais amplas, que permitam algum tipo de generalização ou façam comparações também traria um reforço para a área, juntamente com mais trabalhos de cunho teórico, ainda que sejam proposições de novos conceitos para que, posteriormente, sejam explorados a partir do viés empírico. Destaca-se que a ausência de pesquisas teóricas também foi um dado encontrado por Dow e Condit (2005) em pesquisas publicadas em revistas internacionais sobre a temática.

Deste modo, percebemos que há diversos questionamentos ainda a serem respondidos. Há mulheres, gays, lésbicas e transexuais nas redações? Já sofreram assédio no ambiente de trabalho? Há preocupação dos produtores por fontes especialistas que não sejam homens? De que modo a comunidade LGBTQ+ é procurada por jornalistas? Jornalistas tem iniciativas de propor pautas que coloquem em reflexão desigualdades de gênero? Como diferença de gênero aparece a partir da perspectiva do consumo das notícias? O público reconhece que existem desigualdades de gênero em produtos da Comunicação? As problemáticas pontuadas acima representam uma ampla

agenda de pesquisa que ainda merece ser explorada entre os estudos sobre Jornalismo e Gênero, no Brasil.

Referências

ALMEIDA, de Cavalcanti Carneio Gabriela. **Mulher na pesquisa em jornalismo teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em jornalismo e comunicação do Brasil (1972-2015)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. p. 1-149. 2018

BIROLI, Flavia. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, Fernanda; MASSUCHIN, Michele; TAVARES, Camilla. Gênero na literatura em comunicação: rede e áreas da pesquisa a partir da análise de periódicos brasileiros. Trabalho apresentado no Colóquio Mulher e Sociedade, **Anais...**, Ponta Grossa, 2019.

CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES. **Women's Studies Group. Women take issue: aspects of women's subordination**. London: Routledge, 1978.

CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Ártemis**, v. 25, n. 1; jan-jun. 2018. p. 148-162

DOW, Bonnie; CONDIT, Celeste. M. The State of the Art in Feminist Scholarship in Communication. **Journal of Communication**, 55, pp. 448–478, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Mídia e Questões de Gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades do XXVIII Encontro Anual da Compós, **Anais...**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho, 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em Comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Comunicação e Gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, pp. 14-29.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson B.; ROCHA, Enivaldo C.; PARANHOS, Ranulfo; SILVA JR, José A. O que é, para que serve e como se faz uma meta-análise. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 23, n. 2, 2014.

JOHN, Valquiria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11, n. 2, 2014.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; LAGO, M. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai.- ago. 2016, p. 1-23.

MENDES, Kaytlin; CARTER, Chyntia. Feminist and Gender Media Studies: A Critical Overview. **Sociology Compass**, v.2, n.6, pp. 1701–1718, 2003.

SILVA, Gabriela Almeida; SOUSA, Mariana de Paula Medeiros; SOUSA, Nayara Nascimento de; MASSUCHIN, Michele Goulart. Gênero como tema pesquisa: uma análise dos artigos publicados em revistas da Comunicação. *In: Simpósio de Comunicação da Região Tocantina*, 12., 2018, Maranhão. **Anais [...]**. Maranhão: Imperatriz. p.1-12.

SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: Modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

SAMPAIO, Rafael; MITOZO, Isabele; MASSUCHIN, Michele; FONTES, Giulia; PENTEADO, Claudio. Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura: uma análise dos papers apresentados no grupo de trabalho da Anpocs. **BIB**, 2018.

SARMENTO, Rayza. Feminismos, mídia e internet. *In: Encontro Nacional da Nova Rede de Pesquisas em Feminismos e Política*. Brasília, 2018. **Anais [...]** Distrito Federal, 2018.

SARMENTO, Rayza. Mídia, Gênero e Política: Breve Mapeamento de Horizontes Analíticos. **Ação Midiática**, v. 2, n. 5, pp. 1-15, 2013.

SCOFIELD, Thereza H. P. Mídia e mulheres: um percurso compartilhado no território dos Estudos Culturais. **Lumina**, Juiz de Fora, v.2, n.1, p. 1-13, 2008.

TOMAZZETI, Tainan, CORUJA, Paula. Relações de gênero nos estudos de recepção e consumo midiático: perspectivas de teses e dissertações em comunicação entre 2010 e 2015, **Novos Olhares**, v.6, n.1, 2017.